

GIOVANNI PAPINI: DO ATEÍSMO AO CRISTIANISMO

O Reflexo da conversão em suas obras

Michelle Fernanda Colombo SIMÕES

Discente do Curso de Letras da Faculdade de Educação, Comunicação e Turismo da Universidade de Marília – UNIMAR, em Marília/SP – Brasil.

Aroldo José Abreu PINTO

Doutor em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP. Professor da Universidade de Marília – UNIMAR, em Marília/SP – Brasil. Professor e editor da Associação Cultural e Educativa de Garça – ACEG, em Garça/SP - Brasil. Professor do curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” da Associação Cultural e Educativa de Itapeva – ACITA, em Itapeva/SP - Brasil. e-mail: aroldoabreu@uol.com.br

RESUMO

A presente pesquisa tem como foco de interesse a vida e obra do escritor italiano Giovanni Papini (1881-1956). É inegável sua contribuição para a educação; não apenas a do intelecto, mas também, a da alma. Buscamos desenvolver uma análise consubstanciada na prática literária do escritor, fazendo uso das influências causadas pela sua conversão do ateísmo ao cristianismo. O projeto utilizou a pesquisa bibliográfica como fonte de coleta de dados constituída principalmente de artigos e dos livros *Um Homem Liquidado* (Lisboa: Livros do Brasil, 1961) e *Meu Encontro com Deus* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960). Esperamos que a pesquisa aqui apresentada contribua de alguma forma, ampliando nossa compreensão a respeito da personalidade de um dos maiores escritores do início do século XX.

Palavras-chave: educação; literatura italiana; futurismo italiano; cristianismo; ateísmo.

ABSTRACT

The present research paper stresses its focus on the work and life of the outstanding Italian writer Giovanni Papini (1881-1956). His contribution to education is undeniable, not only of intellect, but also, of the soul. We intend to develop an analysis connected to the writer's literary practice, examining the influence his religious conversion to Christianity had on his oeuvre. The project is based on bibliographical research as a data collection tool mainly comprised of articles and

the books *Um Homem Liquidado* (Lisboa: Livros do Brasil, 1961) and *Meu Encontro com Deus* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960). Hopefully, the research presented herein may contribute in some way toward increasing the breadth of understanding concerning one of the greatest writers of the early 20th century.

Keywords: education; italian literature; futurist artistic movement; christianity; atheism.

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Buscamos na presente pesquisa reunir dados referentes à mudança radical de temática do escritor italiano Giovanni Papini, analisando principalmente textos correlacionados das obras *Um Homem Liquidado* e *Meu Encontro com Deus*. Esperamos com isso contribuir para aproximá-lo novamente do público, desenvolvendo um referencial sobre a estrutura de sua obra ao argumentar a relação entre a fé, enquanto virtude, e a humanidade.

Papini é, sem dúvida, uma das figuras mais notáveis da história literária italiana. Sua temática passou por evidentes mudanças no decorrer da primeira guerra mundial, passando do Index de livros proibidos do Vaticano ao catolicismo. Seu progresso ideológico foi cheio de paradoxos, mas foi também essa personalidade irrequieta que o fez buscar, incessantemente, por novos horizontes para sua vida espiritual. Encontrou então, amparo na verdade cristã.

Em tempos de embrutecimento, descrença e individualismo faz-se mister considerar a diversidade e riqueza de sua obra. Obra que ele dizia escrita com o coração, mas que por necessidade, externou-se em palavras.

Papini costumava dizer que “Deus fez o leite e o café, mas não fez o café com leite”. Cabe a nós, misturar os dois. Portanto, não temos a pretensão de dar respostas a todas as questões que surgem da vastidão de suas vertentes, mas assim como o maior pensador italiano do século XX lutou pela defesa de seus ideais, lutaremos contra a conspiração do silêncio em torno de sua história.

1.1 BIOGRAFIA

Escritor nascido em Florença na Itália, em Fevereiro de 1881, Giovanni Papini foi um dos intelectuais mais influentes do início do século XX.

Autodidata, desde muito jovem se dedicou a “mania de saber”. Lia e escrevia avidamente.

No trabalho autobiográfico intitulado *Um Homem Liquidado*, de 1913, dissertou sobre a melancolia, a insatisfação de esperanças e a busca da verdade religiosa.

Foi, durante algum tempo, crítico do Cristianismo e uma das principais influências do movimento Futurista Italiano. Aclamou a intervenção italiana na Primeira Grande Guerra se referindo a esta como uma grande limpeza, na revista *Lacerba* em 1914. Entretanto, mais tarde se voltou contra seus antigos pensamentos. Quando a guerra aconteceu, a revista *Lacerba* adquiriu aspecto político e muitos futuristas se converteram ao fascismo, mas Papini de ateu se transmudou a cristão, mudando completamente sua retórica.

Sua conversão ao catolicismo não foi da noite para o dia, por convenções mundanas, pela fé puramente social e convencional. Foi gradual, sofrida e sincera.

Dentre as obras religiosas, escreveu *História de Cristo*, *Cartas aos Homens do Papa Celestino VI*, *O Juízo Final*.

Palavras e Sangue, *Gog* e *O Livro Negro* figuram entre os livros de contos escritos em um estilo brilhante. *Um Homem Liquidado* e *Meu Encontro com Deus* são trabalhos autobiográficos que se complementam. Se no primeiro livro nos deparamos com o homem melancólico e insatisfeito sempre a procura de uma verdade suprema, no segundo temos a oportunidade de presenciar o *renascimento* deste homem, o resultado de toda aquela busca dolorosa que encontra paz consciente no amparo cristão.

Os últimos anos de sua vida foram particularmente difíceis, chegou gradualmente à cegueira; foi abatido por uma atrofia muscular que causou, além de outras dificuldades motoras, a perda do movimento de seus dedos. Mal conseguia segurar uma caneta, mas deu continuidade a seu trabalho ditando os textos. Quando sua voz

se tornou incompreensível, resignadamente soletrou uma a uma as palavras de cada texto através de um código que possibilitava a transmissão das palavras de acordo com a quantidade de vezes que ele batia o punho na mesa.

Faleceu aos setenta e sete anos, mas antes, sua fé profunda no amparo de Deus lhe confiou um espírito mais livre e olhos que enxergam além.

2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Na perspectiva de realizarmos um trabalho comprometido com a educação, nossa pesquisa se pautou em alguns pressupostos que descrevemos na seqüência.

2.1 – Tipo de Pesquisa

O projeto fez uso da pesquisa bibliográfica como fonte de coleta de dados, constituída principalmente de artigos e dos livros: *Um Homem Liquidado* (PAPINI, 1912) e *Meu Encontro com Deus* (PAPINI, 1960).

2.2 – Análise dos Dados

Buscamos desenvolver uma análise consubstanciada na prática literária do escritor italiano Giovanni Papini fazendo uso da influência que o ateísmo e o cristianismo causaram em sua vida e obra.

Os dados fichados foram organizados e foi feita a análise e redação dos resultados da pesquisa possibilitando desta forma, a observação da mudança de temática.

Por esses pressupostos, buscamos fomentar a leitura da obra de Giovanni Papini não apenas em sua relação literatura/religião, mas, sobretudo, em uma reflexão crítica desse processo de mudança vinculado ao contexto social, fazendo com que o leitor se veja como sujeito consciente, transformador de sua própria história.

3 – REVISÃO DA LITERATURA

Esse capítulo apresenta a revisão da literatura em tópicos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa: a conversão ao cristianismo, o esquecimento da obra do escritor italiano mais conhecido do começo do século XX e a dúvida acerca da sinceridade da conversão.

3.1 A (des)ventura de Papini

Segundo Jorge Luis Borges “Papini foi injustamente esquecido” (BORGES, 1975). Em 1919, o poeta italiano Emanuel Carnevali compartilhou uma opinião extremamente positiva a respeito do escritor em uma carta que escrevera ao poeta Carl Sandburg “Papini talvez seja o maior gênio da Itália hoje” (CARNEVALI, 1919).

Na introdução do livro *Palavras e Sangue*, Alceu Amoroso Lima narra sua visita a Florença diz que, ainda em 1950, Papini era talvez o mais conhecido dos escritores italianos. (LIMA, 1968).

O pesquisador Mircea Eliade, em uma tentativa de trazer novamente à tona a obra do escritor em 2000, compartilhou em seu livro *L'isola di Euthanasius* a imagem pouco divulgada de Papini como um testemunho de uma vitalidade e de uma grandeza raras em uma época em que os homens cumprem os compromissos por medo de se expor.

Diz ainda que o exemplo de Papini pode se tornar novamente atual e que ele foi um homem que não se envergonhou de seus erros. Verdadeiro gesto de um gênio.

Somente os inúteis e medíocres se preocupam com a perfeita coerência dos próprios pensamentos, e são obcecados pelo medo de errarem. Papini errou, foi veementemente contraditório e exposto. Todavia permaneceu mais de sua obra do que de cada obra perfeitamente delineada, medida a risca e corrigida da primeira a última página. (ELIADE, 2000).

Giuseppe Prezzolini, escritor e amigo de Papini afirmou que o amigo foi a melhor coisa que encontrou na Itália. (PREZZOLINI, 1916).

Antonio D'Amicis observa em um artigo intitulado "La (s)fortuna di Papini" que na apresentação do ensaio sobre os contos juvenis de Papini publicado recentemente, Andrea Vannicelli escreveu que "talvez somente hoje seja possível tentar reanalisar a obra narrativa de Papini com serenidade baseando-se nos textos, na obra, nos documentos, porque agora estão distantes os tempos em que estava em voga uma crítica que tinha entre seus pressupostos a ideologia"

O mesmo autor cita que em 1981, na abertura do prefácio do livro *Diário 1900*, de Papini, Giorgio Luti inicia a abertura do livro no mesmo contexto "Parece alcançado o momento para uma equilibrada reconsideração histórica da figura e da obra de Giovanni Papini".

O que chama atenção então nas palavras de Vannicelli, após vinte anos da indicação de Luti, é que, como Luti, Vannicelli iniciara a indicação com "parece", Vannicelli sente a necessidade de misturar a própria afirmação com um "talvez". Será chegado o momento, hoje, de ler Papini sem preconceitos? É chegado o momento, hoje, de ler Papini? (D'AMICIS, 2005).

3.2 Reflexos da conversão

A partir da décima edição do livro *Um Homem Liquidado* (PAPINI, 1913) Papini submete a obra a correções em trechos que ele julga ofensivos. Essas correções começaram em 1920 publicadas pela editora Vallecchi de Florença. Assim como o trecho editado do capítulo 32, p. 200 do livro *Um Homem Liquidado*, intitulado "Que quereis de mim?"

Sou um homem livre – preciso de liberdade, preciso de estar só, preciso de ruminar de mim para comigo as minhas vergonhas e tristezas, de gozar o sol e as pedras dos caminhos sem companhia e sem discursos, com a solitária música do meu coração. Que quereis de mim? O que quero dizer imprimo-o; o que quero dar, dou-o. A vossa curiosidade enoja-me; os vossos cumprimentos humilham-me; o vosso chá envenena-me. Não devo nada a ninguém e tenho que dar conta dos meus atos só a Deus. (PAPINI, 1920)

No original de 1913, o mesmo parágrafo terminava da seguinte maneira "Não devo nada a ninguém e teria que dar conta dos meus atos só a Deus - se Ele existisse".

Em um conto intitulado O Demônio Tentado, no livro *Palavras e Sangue* (1912) Papini narra um encontro em que não era o Demônio que o tentava e sim ele quem tentava o Demônio. Dizia:

Mestre a amigo: chegou para ti o dia da tentação. Tu já não és capaz de tentar aos homens e sucede que os homens vêm tentar-te. Conseguiste-o com Adão, fracassaste com Cristo; mas não és homem nem Deus e eu sou um homem que vai se convertendo a Deus. Por isso tenho o direito e a força de induzir-te em tentação e vingar Adão e a seus filhos (...) eu te ofereço, não converter-te em um arremedo de Deus, não que possuas o que existe: proponho fazer de ti o verdadeiro inimigo de Deus, o definitivo destruidor do ser. (...) Tu me ofereceste ser Deus e eu te ofereço ser algo mais forte do que Deus, o destruidor de Sua grande obra, o primeiro e o último Anti-Deus. (PAPINI, 1912).

Também antes da conversão, no artigo “Amiamo la guerra” publicado na revista *Lacerba*, Papini defendeu a intervenção italiana na primeira guerra mundial, acreditando que a guerra era necessária ao progresso, a “higiene do mundo”. Porém, no livro *Meu Encontro com Deus*, publicado postumamente em 1960, Papini ressalta no capítulo XXX, que sempre amou a pátria, a Itália, mas que Cristo o fez cidadão de uma pátria mais ampla que é a cristandade, e condenou então, junto a Igreja, as guerras de toda espécie. Trata no capítulo XXV do remorso causado por ter tomado partido da guerra ao apoiá-la junto aos futuristas na revista *Lacerba* em 1914 (PAPINI, 1960). Já no final do capítulo X do mesmo livro, Papini afirma que:

As nossas filosofias são como a erva dos tetos, que seca antes de florescer – sentenças de cinza e razões de vento. Estamos sozinhos à beira do infinito. Então por que haveremos de recusar a mão de um pai? Por que haveremos de recusar um amparo, nem que seja com a condição de sermos a ele cravados com os pregos de uma cruz campestre?.

Diz ainda que na arte de escrever não trocou nenhuma bandeira, que da negação à afirmação o salto foi bem grande, mas que sempre houve nele a sede do divino; e uma graça imerecida o fez abandonar o estrume da presunção pela humildade da escravidão gloriosa. Que nunca foi dobrado a mudar por interesses, ambições, comodismos ou desejo de notoriedade nas sim por um movimento sincero da alma. (PAPINI, 1960)

3.3 Dúvidas acerca da conversão

Nicola Moscardelli e Benedetto Croce negaram categoricamente a fé do escritor florentino e compartilharam da mesma opinião de que quando Papini publicou *História de Cristo* estava a desejar notoriedade. (FELICE, 1993)

O mesmo Prezzolini (1920, apud: FELICE, 1993) que se dirigiu ao escritor florentino como a melhor coisa que encontrou na Itália, em uma carta a Papini se mostra contrariado, dizendo que a conversão, como dizem, não o agrada nem um pouco nem em si própria, nem respeita aquilo que ele é na realidade. Ainda diz que Papini nem soube vestir direito a pele de cordeiro, que seus artigos

são cheios de grosserias para com este ou aquele, sem humildade e sem caridade, crê que ele fique melhor na pele de lobo do que na de cordeiro; não entende porque a cada três ou quatro anos Papini tem que se atirar a algum apostolado, como se fosse um dever e professa que após o entusiasmo inicial, como sempre, o amigo vai terminar melancólico e desiludido.

Termina dizendo que Giovanni Papini é um grande escritor, mas não um apóstolo e que deve prezar pela posição que tem na Itália. (PREZOLLINI, 1920 *apud* FELICE, 1993)

Sabendo que Prezzolini, sendo ateu, foi incapaz de compreender o mistério de uma alma iluminada pela Graça (FELICE, 1993), em uma carta tardia, mas atenciosa, Papini diz que a conversão não conduz nem concede a santidade: que este é o maior erro daqueles que pretenderam ao se converter, a perfeição imediata. Mas que dá o senso do pecado, o remorso e a vergonha do pecado, e mais tarde, o perdão pelos pecados, sabendo que o único dever é não errar mais e remediar em parte os erros passados. Mas isso não quer dizer que ele se tornaria verdadeiramente humilde, puro e agradável como deveria ser.

Com sinceridade diz ainda “Sou, mas nem sempre quero, nem sempre posso”, e que já é um grande passo na dura via cristã saber que não somos aqueles que gostaríamos de ser e fazemos todo o possível; dia após dia, para ser não imediatamente perfeitos, mas um pouco menos fracos, um pouco menos vis, materialistas, mesquinhos e que não retornou a Cristo por cansaço (quando a vida se tornou bem mais difícil pra ele ao se converter em razão dos comentários maldosos, críticas e inimizades). (PAPINI, 1932 *apud* FELICE, 1993).

Prezzolini em 1961, no livro póstumo *O Diário* de Papini diz que:

Na realidade, Papini nunca fora um convertido. Sempre fora um atormentado. Não se pode dizer que Cristo o conquistara, mas que, ao contrário, Papini conquistara o Cristianismo, como uma província adicionada à sua sede de grandeza de vastidão, de intentos e experiência. Ele continuara sempre o mesmo. (PREZOLLINI, 1961 *apud* FELICE, 1993)

Na revista *La Nuova Antologia*, Papini já havia respondido a essa “tese” sobre a falta de sinceridade em sua conversão. (PAPINI, 1923 *apud* FELICE, 1993).



A idéia de que a conversão dá ao convertido, com toda a certeza, a paz absoluta, a segurança, a certeza e o descanso eterno de cada pena e luta é uma idéia que pode surgir apenas naquele que nunca foi verdadeiramente cristão ou não conhece, nem de vista, a confiança e as confissões dos cristãos verdadeiros." (PAPINI, 1932 *apud* FELICE, 1993)

Após descrever as diferentes acepções acerca da conversão de Giovanni Papini ao cristianismo e seu enlace com o esquecimento de seu nome e obra, as diferentes fases da transição serão analisadas nos capítulos subseqüentes.

4. UM HOMEM LIQUIDADO

Papini tinha apenas 31 anos quando publicou a autobiografia que trata da insatisfação de esperanças, da busca incessante por uma verdade suprema, da inquietude que o acompanha desde a infância.

A obra é composta por cinquenta capítulos subdivididos em seis partes cujos títulos são termos técnicos que indicam a velocidade do andamento da música: Andante (andamento moderado); Appassionato (andamento ardoroso); Tempestoso (andamento agitado); Solenne (andamento solene); Lentíssimo (andamento vagarosíssimo); Allegretto (andamento rápido, porém, mais lento que o allegro).

Como em uma partitura, com a intensidade de uma composição musical, ora melancólica ora turbulenta; através desta combinação de notas e ritmos externados em palavras, revela a si próprio de maneira transparente nessa obra-prima.

4.1 – Andante

A primeira parte de *Um Homem Liquidado* trata da infância solitária e melancólica do escritor que se apresenta como uma criança meditativa, carrancuda e anti-social.

Naquele tempo começou a guerra entre os homens e eu. Fugia deles e eles afastavam-se de mim; não os amava e eles odiavam-me (...) Não agradava aos outros e o ódio encerrava-me na solidão. O isolamento fez-me triste e antipático; a tristeza endureceu-me o coração, mas excitou-me o cérebro. (1961, p.7).

Passava o tempo que podia na biblioteca de sua casa onde encontrara livros que ridicularizavam a Bíblia e os padres católicos. Seu pai era ateu. Papini afirma que por muito tempo teve “mais amor ao Anjo rebelde que ao Velho majestoso”, que foi um homem para o qual “Deus nunca existiu”.

Na adolescência descobriu as bibliotecas públicas. Cada vez empenhado em aprender mais, dizia que a empreitada era parte da vida dura e magnífica do onisciente (1913, p.18). “Que queria eu aprender? Que queria eu fazer? Não o sabia (...) Apenas saber tudo - eis a palavra do meu desastre, tudo” (p.19).

Quis aos quinze anos então, fazer a “enciclopédia suprema”, que abordasse todos os assuntos de todos os povos, de todos os tempos, que fosse muito além das informações das enciclopédias que já existiam. Após muito trabalho viu que “o verdadeiro saber não podia consistir num amontoado alfabético de notícias apanhadas aqui e acolá, numa aglomeração de cópias ordenadas mecanicamente, sem um sopro de vida nem vigor de pensamento.” (p.22).

Já se dizendo ateu como o pai, decidiu tecer um comentário crítico-racionalista a respeito da Bíblia, mas não chegou ao quarto versículo. Renunciou a mais cinco ou seis dessas grandes empreitadas:

E toda a minha vida, tem sido um constante arrebatamento para o todo, para o universo; depois a queda no nada (...) um suceder-se de ambições colossais e de renúncias precipitosas. Esta breve história de atrevimentos infantis é uma, dentre as possíveis traduções, do segredo da minha vida. (p. 30).

Mas foi também nessa época que fez a si mesmo a promessa de que se tornaria grande antes de morrer.

4.2 Appassionato

A figura de Papini daquela época pode ser reconstruída através do absoluto desprezo pelo mundo a sua volta, mas ao mesmo tempo em que preferia se isolar, em certos momentos, parecia amargurar-se ainda mais com este isolamento.

De uma infância selvática e precocemente introspectiva; de uma humilhada solidão imposta pela timidez, pela singularidade e pela miséria; dos repetidos fracassos de um enciclopedismo demasiado ambicioso lirismo elegíaco, congeminado em passeios por

estradas foscas entre muros denegridos e sob céus cinzentos; dos confusos ímpetos para uma vida heróica, digna e poética, subitamente negados e afogados na maldita quotidianidade de uma vida estreita e provinciana, ressequida e mortificante, saiu um pessimismo desesperado e recluso como uma fortaleza sem janelas. (p. 47)

Porém, com o tempo, a necessidade intrínseca de se relacionar com as pessoas o levou a compartilhar suas idéias ainda que não os julgasse dignos de sua convivência.

Quería alguém igual a mim, para trabalharmos juntos; alguém superior a mim que me ensinasse e me guiasse; alguém inferior a mim que eu pudesse proteger e instruir". "gente como eu, dos que na escola fazem pouca figura, mas que lêem, pensam, ruminam e têm curiosidades insólitas e a testa animada de sonhos. (p.54)

Manteve contato com artistas da época, entretanto, seguia buscando uma verdade maior.

4.3 Tempestoso

E nessa busca, julgava por vezes encontrar os "primeiros degraus da escala à divindade".

Não disse já que busquei sempre a grandeza. Que sempre quis - por pequeno, vil ou louco que eu fosse-ser grande, tornar-me grande? (p.117)

Nenhum homem – exceto três ou quatro companheiros de ódios e aventuras - eu considerava meu igual. Nenhum me parecia digno de julgar-me, nem sequer de pôr-se a meu lado. Pensava sinceramente ser o único espírito sem preconceitos, sem antolhos; sem falsidades, sem tontarias e bestialidades no crânio; o único capaz de banir as artimanhas e expulsar os usurpadores; de despovoar todo o Walhalla dos velhos deuses e dos modernos imbecis; de aliviar todas as coisas e todas as idéias dos véus truanescos do hábito e da convenção; de libertar a Humanidade de todas as vergonhosas servidões mentais que a entravam. (p. 123)

Ao mesmo tempo em que os desprezava queria "libertar" essas mesmas pessoas "Quería torná-los dignos de mim".

A tarefa, entretanto, revelou-se um verdadeiro tormento para o escritor. Em suas reminiscências diz que, de fato, não aceitava a realidade. "Eu não aceitava a realidade; não há palavras mais rigorosas para exprimir a minha náusea do mundo físico, humano, racional, que me oprimia e não dava ar e espaço bastante às minhas asas irriquietais." (p. 116).

Papini nessa época publicou junto a Giuseppe Prezzolini a revista *Leonardo*, que visava divulgar a filosofia, novas idéias, discussões culturais... Foi um sucesso e a esse sucesso excessivo deve seu fim.

Eram tantas as polêmicas provocadas que tiveram de dedicar metade da revista a esclarecimentos, respostas a cartas etc.

O escritor florentino então se dedica a artigos a respeito de lançamentos de livros e jornais adquirindo a fama de crítico arrasador “Odiai-me embora, amaldiçoi-me, cuspi à minha passagem. Com emplastos e homeopatia não se refazem os homens.” (p. 127).

4.4 Solenne

Enfim, quando alcançou sua meta, ser grande, sua insatisfação permaneceu a mesma. Era lido, temido, discutido, seguido, mas continuava descontente.

Então era só isso? Nada mais do que isso? Ver impresso o próprio nome; repetidas as próprias palavras; reproduzida a própria efigie; postas em praça as idéias mais caras, atiradas em pasto à turba anônima as mais ciosas confissões e os mais importantes entusiasmos. E depois? Estar rodeado de símios que imitam os teus gestos, de papagaios que repetem as tuas frases; topar em livros com teu nome na capa, em artigos com a tua assinatura; ouvir que falam de ti e não te compreendem ou te desprezam ou te invejam.

Sentiu que essa “grandeza” não lhe bastava. Queria mais do que isso, queria ser “verdadeiramente grande”, realizar qualquer coisa que mudasse a face da terra e o coração dos homens, sentia ter uma missão no mundo. “Não importava muito por que. Qualquer coisa em que fosse o mais célebre, o maior”.

Dizia não acreditar em Deus, mas sentia-se “um Cristo que devesse a todo custo empreender outra redenção”; não acreditava na Providência, mas via-se como “um Messias, salvador das gentes”.

Começava então a traçar planos para a futura salvação da humanidade “Para dar começo a minha missão, eu devia, eu próprio estar seguro de mim; purificar-me e engrandecer-me – atingir a perfeição moral e a sublimidade intelectual: Transmudar-me em santo e gênio”.

Essa tentativa em tornar-se “semi-deus”, obviamente falhou, então voltou-se às religiões, releu o Evangelho, voltou a frequentar igrejas, “relia o Evangelho para procurar Cristo, entrava nas igrejas para encontrar Deus.” (p. 179) Nessa época, seu “retorno” ao Evangelho foi em grande parte por “desejo de informação”, mas também pela vontade de crer. Passou por várias crenças em busca

desse conforto espiritual e não o encontrava porque não poderia vir de fora.

4.5 Lentissimo

Neste capítulo, Papini narra a busca por um objetivo que se mostra inalcançável. Admite que falhou em sua pretensão à divindade.

Que mais podia interessar-me e prender-me depois do que tentara? A arte? A glória? O pensamento? Não eram estas porventura as alegrias que eu deixara para trás, as felicidades a que tinha renunciado, os fins que eu tinha ultrapassado sem alcançá-los, porque me pareciam demasiado próximos e mesquinhos?

Quem tudo quis, como poderia se contentar com o pouco? Quem procurou o céu como pode comprazer-se com a terra? Quem se internou no trilho da divindade como pode resignar-se à humanidade? Tudo acabou, tudo está fechado, tudo está perdido. Não há nada a fazer. Consolar-me? Nem isso. Chorar? Mas para chorar é necessária ainda uma fé, é necessário um pouco de esperança. Eu não sou já nada, já não conto, nada quero. Deixo-me estar quieto. Sou uma coisa e não um homem. Tocai-me: estou frio como uma pedra, frio como um sepulcro.(...)Aqui jaz enterrado um homem que não pôde tornar-se Deus. (p.189)

A partir da décima edição do livro *Um Homem Liquidado* (PAPINI, 1913) a obra é submetida pelo autor a correções em trechos que ele julga ofensivos após ter se convertido ao cristianismo. Essas correções começaram em 1920 e foram publicadas pela editora Vallecchi de Florença. Assim como no trecho do capítulo 32, p. 200 do livro *Um Homem Liquidado*, intitulado "Que quereis de mim?".

Sou um homem livre – preciso de liberdade, preciso de estar só, preciso de ruminar de mim para comigo as minhas vergonhas e tristezas, de gozar o sol e as pedras dos caminhos sem companhia e sem discursos, com a solitária música do meu coração. Que quereis de mim? O que quero dizer imprimo-o; o que quero dar, dou-o. A vossa curiosidade enjoa-me; os vossos cumprimentos humilham-me; o vosso chá envenena-me. Não devo nada a ninguém e tenho que dar conta dos meus atos só a Deus. (PAPINI, 1920)

No original de 1913, o mesmo parágrafo terminava da seguinte maneira "Não devo nada a ninguém e teria que dar conta dos meus atos só a Deus - se Ele existisse". De maneira peculiar aconteceu com o livro de 1911 Papini *Le Memorie d'Iddio*. O livro é escrito em forma de uma carta de Deus aos homens. Ele está cansado, solitário e não nutre amor pelo Homem, mas pede aos homens que se tornem ateus. Deus implora a própria morte, pois quando o último que acredita nele se tornar ateu ele também morrerá. Porém, em 1923, pede à filha Viola que queime todos os exemplares que restam do livro.

Entre as reflexões de Papini de tal época, lêem-se as seguintes:

Penso que talvez tenha sido para mim uma grande fortuna não ter eu conseguido deificar-me por aquele modo materialista e cego que eu cuidara. Teria sido mais infeliz do que sou. Talvez me tivesse bastado saber que *teria podido* fazer tudo - e não teria feito nada. Teria ficado inerte para sempre - incapaz por excesso de força. E teria desejado desesperadamente os dias afanosos da vigília, quando algo ambicionava, joierava, perseguia. Serão todos esses discursos mais que consolações póstumas da grande falência? Oh! Adão covarde, expulsado antes de entrar no jardim edênico: amesquinhas o saber e o perfume dos frutos que não pudeste comer?

A quem deverei acusar por essa inevitável falência? A mim mesmo, sempre a mim mesmo, só a mim mesmo. Se eu tivesse sido mais fraco (para não sonhar) ou mais forte (para vencer) não estaria aqui a humilhar-me perante aqueles que desprezo! (...) Que me inspire deus ou o demônio, não importa; mas que alguém maior do que eu, mais puro do que eu, mais lúcido do que eu, mais louco do que eu, fale pela minha boca, escreva pela minha mão, pense pelo meu cérebro! (...) Mas Deus não quer falar pela minha boca; não escreverei pois um livro santo. E o demônio, que se compraz nas literaturas, arrebatou-me para o âmago dos terrores.

O sofrimento que essa busca incessante causava inspirava-lhe considerações como esta em que implorava pela *verdade*:

(...) peço e imploro humildemente, de joelhos, com toda a força e paixão de minha alma, um pouco de certeza; uma só, uma pequena fé segura, um átomo de verdade! Peço-vos, esconjuro-vos por tudo quanto tendes de mais caro e precioso, pela vossa vida, pela vossa amada de hoje, pela vossa idéia preferida, que me digais se há entre vós quem tenha o que procuro; se alguém há que esteja *certo*, que *conheça*, que *saiba* que viva e se mova dentro da *verdade*.

4.6 Allegretto

E enquanto dizia já não crer em nada ser o "ateu Liquidado, definitivo, integral" implorava por um pouco de certeza "(...) preciso de um pouco de certeza – preciso de qualquer coisa de verdadeiro. Não posso dispensá-la; sem ela não posso viver. Não peço outra coisa; nada mais peço, além disto, mas o que peço é muito; é uma coisa extraordinária bem o sei. (p.200-232)

Traz suas reminiscências a público com tamanha franqueza que para muitos jovens que se sentiam da mesma maneira inquietos, sedentos da verdade, *Um Homem Liquidado* foi como uma bíblia em que espelhavam suas amarguras, falta de esperança e fé em uma época de crise que coincide com o advento do fascismo, da primeira grande guerra e toda a destruição e sofrimento causados.

Apresento-me a vossos olhos frios com todas as minhas dores, as minhas esperanças e as minhas fraquezas. Não peço piedade nem indulgência, nem louvores nem consolações, mas apenas três ou quatro horas da vossa vida. E se, depois de terdes ouvido, julgardes

ainda, a despeito dos meus propósitos, que sou realmente um homem liquidado, deveis ao menos confessar que estou liquidado porque quis compreender coisas demais e, se nada sou, é porque quis ser tudo.

Portanto, não há hipérbole quando afirmamos que esta autobiografia é uma obra-prima. O tormento, o estilo, as correções são prova concreta de que às vezes, torna-se necessário realmente voltar atrás para não se perder no caminho.

5. MEU ENCONTRO COM DEUS

É o livro que retrata a conversão. Escrito em 1923, foi publicado postumamente em 1958 e nele temos a possibilidade de conhecer o outro lado do que atribuem ao escritor. Apresenta capítulos esclarecedores de assuntos polêmicos, tal qual o capítulo "Mortandade", que não pode ser esquecido ao citar o artigo de 1914 "Amiamo La Guerra".

No capítulo VII, narra-nos a respeito das aulas de educação religiosa que o pai não permitia que assistisse. Era assinada uma declaração para que ele ficasse a espera do término da aula do lado de fora da sala. Certa vez, coberto de curiosidade, espreitou a aula de religião. "A voz baixa do padre soletrava os mandamentos. Honrar pai e mãe. E quando ouviu esse mandamento pensou surpreso "por que então, meu pai me proíbe que eu aprenda a honrá-lo?" Dizia não ter fé "porque não sabia muito bem em que os outros tinham fé" e que sua "vontade de crer" acabava reduzida " àqueles minutos de solidão; a curtos sobressaltos de vergonha e de nostalgia à sombra andrajosa dos cabides, no empoeirado silêncio daquela hora abandonada."

Neste livro, ao invés do homem que queria ser grande a todo custo, o "salvador das gentes" encontramos o oposto e, um conselho.

Não se deixe inchar ao sopro da soberba, não pense que é um deus patrão, um rei terrestre; confesse que não é criador, sim, criatura (...) Você quer ser o apóstolo, o profeta, o iluminador das gerações e que sei eu: deixe disso, vá por mim. (p.62)

Em "Estímulos Divinos", capítulo XXII, Papini diz que certo dia em que estava caminhando com um amigo, passou por um senhor com frio que estendeu a mão a pedir. O amigo bem aquecido em sua

capa tirou uma lira de prata e disse ao pobre homem que se dissesse algumas blasfêmias lhe daria a moeda.

O homem os olhou com um olhar injetado recolheu a mão e se afastou deles sem dizer nada. Papini diz que neste momento se sentiu queimar de vergonha por dentro,

(...) vergonha de meu companheiro, vergonha de estar com ele, vergonha de não ter interferido, de ter assistido passivamente, quase cúmplice, àquele capricho demoníaco, vergonha de não ter dito nada ao velho; vergonha, finalmente, de ter tantas vergonhas, realmente vergonhosas num ateu. (p.94)

A fé, a lei Divina que está na consciência do ser humano, dava sinais de que aquela verdade que Papini tanto buscava estava dentro dele, entremeadado a esse sentimento incômodo de vergonha perante tal ato insensível.

E ao invés da “guerra” entre Papini e os homens “Fugia deles e eles afastavam-se de mim; não os amava e eles odiavam-me...” (*Um Homem Liquidado*, 1961, p.7) nos deparamos com estímulos à Lei do Amor como este:

E quem se acostuma a fazer o bem experimenta, pouco a pouco, um tal prazer, uma tão convencida satisfação, uma doçura tão crescente que há de chegar forçosamente o dia de compreender que a doutrina que justamente ordena o amor não pode ser falsa; o mestre que ensinou com a sua vida e a sua morte não deve ser apenas um homem, mas um Deus, o Deus vivo. (p. 125)

No capítulo XXXIV, intitulado “Dedicado aos Batráquios”, dirige-se a todos que o criticaram em razão da conversão ao cristianismo.

Porque, batráquios de ampla boca, não invejam a felicidade reconquistada, nem a paz obtida depois de tanta dilaceração interna; invejam aquele pouco de fama transitória, que se paga cem vezes o dobro com os aborrecimentos e as malevolências, e aos solitários é mais peso do que prêmio; invejam, acima de qualquer coisa, aquele pouco dinheiro pago com a fadiga, jamais procurado, e que a hostil imaginação multiplica, quase para exacerbar os ciúmes e vingar-se.

E talvez seja esse o motivo de ter publicado o livro postumamente, tornariam a dizer que ele buscava notoriedade com a questão religiosa.

Papini é acusado até hoje de apoiar Mussolini e o fascismo. Conheciam-se desde antes da intervenção italiana, quando apoiavam a idéia da guerra como um “duelo homérico” necessário ao progresso do país, mas quando Mussolini tomou poder Papini não o seguiu em seus ideais.

Em 1925, muitos intelectuais assinaram o manifesto dos intelectuais fascistas, mas o nome de Papini não está nessa lista. Não há nada em livro algum que aponte Papini como o “escritor oficial” do fascismo como alguns dizem.

Em muito do que escreveu, aliás, condenou o racismo e foi muitas vezes, censurado. Em seu Diário encontra-se a seguinte nota: “Um jornalzinho comunista diz que tudo me seria perdoado se eu continuasse quieto. Ter começado a trabalhar é uma culpa. Só não sei de quais delitos devo ser perdoado, a menos que sejam atos criminais ter amado Cristo e a Itália”.

Quando, baseando-se na biografia de Papini, falam a respeito do momento em que se tornou um membro da Academia da Itália, o que por vezes parece ser um crime, se esquecem que também lá estavam os maiores intelectuais do país, como o prêmio Nobel em Literatura de 1934, Luigi Pirandello, enfim, citam a cadeira na academia como imerecida o que não é verdade de forma alguma. Podem negar que alguém tenha sido iluminado pela “Graça” por terem os corações tão duros quanto suas palavras ferinas, mas não podem negar a genialidade e capacidade do escritor Giovanni Papini.

Em uma carta, hoje de domínio público, Antonio Gramsci responde as questões que Trotsky fizera a respeito do Futurismo na Itália, dois parágrafos merecem destaque nessa pesquisa. Torna-se bem claro que as informações a respeito Papini como o escritor oficial do fascismo não procedem.

O movimento futurista, na Itália, perdeu, completamente, seus traços característicos, depois da guerra (...)

Os principais porta-vozes do futurismo de antes da guerra tornaram-se fascistas, à exceção de Giovanni Papini, que se converteu ao catolicismo e escreveu uma história do Cristo. (Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000021.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2005).

Em *Meu Encontro com Deus*, ao refletir sobre os horrores da guerra no capítulo Mortandade, disserta acerca do remorso que sentia por ter um dia sido a favor da guerra:

Em certos momentos provava um remorso que nem sei descrever com fidelidade: às vezes, envergonhava-me dele, às vezes, aceitava-o como princípio de redenção. Remorso de haver aconselhado a guerra e, ao mesmo tempo, de vê-la agora tão diferente da que esperava, remorso de minha inatividade e remorso de ter feito, na minha pequenez, até

demais; remorso de ter, eu também, preparado, com o cinismo misantropo dos últimos anos, aquela cegueira espiritual que agora desabafava nos massacres; remorso de considerar-me quase cúmplice, embora inerte, daquela insensata devastação de corpos, de corações, de pátrias; remorso da minha impotência em poder pôr termo àquele sangrento flagelo. (p.158)

Não é o arrependimento que antecede o perdão? E não é o perdão que transforma o mal em um bem? Mas, continuam lembrando somente do artigo de 1914. Vilipendiando o escritor em razão de uma verdade unilateral cruelíssima.

A crítica malévola fez silenciar grandes pensadores como Papini, a maioria de seus livros, hoje em dia, é de difícil acesso, está fora das livrarias. Quem se interessa por sua obra se vê perdido em meio a informações vistas com lente de aumento e até mesmo inventadas.

Talvez seja muito mais cômodo ler uma crítica do que formar uma opinião consciente baseando-se no todo, mas deixar calar voz tão importante para a educação, para o desenvolvimento espiritual é uma vergonha.

5.1. DA GENIALIDADE E IGNORÂNCIA HUMANA

A fé, enquanto virtude é uma confiança inabalável e exige persistência para continuar viva em nossas almas. Torna-se bem claro que quando Papini se converteu não foi por desejar a notoriedade, ele já era notório. Seu "segundo nascimento" tornou sua vida mais difícil. Era antes considerado por alguns como a "bandeira do ateísmo", o líder da incredulidade, a girândola... Quando se converteu ao cristianismo, tentaram de todas as formas desmenti-lo por não terem, infelizmente, conhecimento da significação da fé. E talvez seja exatamente esse o motivo de ter publicado Meu Encontro com Deus postumamente, tornariam a dizer que ele buscava notoriedade com a questão religiosa. Não podemos forçar as pessoas a pensar dessa ou de outra maneira, mas podemos sim contribuir com suas decisões com informações corretas. As críticas, disse Papini, não fazem mal a ele, mas podem fazer mal aos que acreditaram em sua palavra.

A dúvida sobre a sinceridade da minha fé pode ser nociva a estes, e o bem pode tornar-se mal. Principalmente para eles escrevo, para que melhor saibam quem sou, por que caminhos voltei ao Evangelho, e a que custo, com que resistência, com que vitoriosa certeza..

Em um mundo tão carente de compreensão, respeito, tanto a se aprender, com tantos acontecimentos revoltantes a que fazem vista grossa e quando alguém declara que crê em Deus é que as pessoas se espantam e troçam do poder dessa fé? Negam, apagam luzes sem acender nenhuma outra em seu lugar e ignoram deliberadamente a verdade.

As vespas em época de procriar, saem em busca de insetos e quando encontram, paralisam suas presas com o veneno que injetam durante a ferroadada, mas não lhe tiram a vida imediatamente. Esse golpe faz com que esse inseto, que servirá de hospedeiro para os ovos da vespa, fique em estado de hibernação. Então a vespa o coloca em um buraco no solo e desova em torno do abdômen da presa.

A vespa sabe que a sua cria precisa se alimentar quando nasce e para sobreviver precisa de carne viva, porque se ingerir carne morta morre. Quando o hospedeiro morre a vespa já está em condições de procurar seu próprio alimento. Quem ou quê ensinou a vespa a agir de tal maneira para a perpetuação da espécie? Este fenômeno extraordinário dentre outros tantos que permitem a vida, atestam a existência de Deus.

É inacreditável que o mesmo homem genial que perfaz maravilhas acredita que o mundo tenha se autocriado. De acordo com uma das teorias, o universo fora originado há dez bilhões de anos por uma grande explosão. Não nos aprofundemos nessa questão, entretanto, o que existia antes dessa explosão? O que existia antes do que existe? A ciência não pode responder a essas perguntas.

Ponha de lado as filosofias do espírito – pobres sinais sem substância, sem conexão com o respiro da alma, com a riqueza infinita do ser – e experimente dizer bem alto, diante de uma peça qualquer da criação, que Deus não existe, que esta maravilhosa máquina do universo não teve nem princípio nem autor e se rege sem um supremo padrão, por um milagre constante de coincidências, de átomos, de mônadas, de espíritos. (PAPINI, 1961)

Realmente, se a vida fosse um “milagre constante de coincidências” só porque não conseguimos enxergar as engrenagens por trás dos acontecimentos estaríamos limitando nossa crença somente para o que podemos captar sozinhos, e se ainda não temos a capacidade de explicar não significa que seja impossível.

5.2. A SINCERIDADE DA CONVERSÃO

Quando a conversão de Giovanni Papini foi anunciada em março de 1921 em razão da publicação do livro *História de Cristo*, causou surpresa. Mais surpreendente é o fato dos contemporâneos compartilharem da mesma opinião de que a conversão foi anunciada em busca de notoriedade, negaram piamente que o escritor pudesse se converter à fé católica. Com que direito? Até mesmo seu amigo Prezzolini ficou intrigado com a conversão orientando Papini a cuidar da posição que ocupa na Itália, a não vestir “pele de cordeiro”.

Mas o conselho do apóstolo Pedro para os cristãos do primeiro século tem o mesmo valor atualmente. “Estejam sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” – (Pedro 3:15). E Papini soube bem dar razão dessa esperança ao dizer que a conversão não concederia nem a ele nem a ninguém a perfeição imediata. Mas que dá o senso do pecado, o remorso e a vergonha do pecado, e mais tarde, o perdão pelos pecados, sabendo que o único dever é procurar não errar mais e remediar em parte os erros passados.

Papini em seus últimos anos de vida escreveu em seu diário a respeito de seu estado de saúde e de como sua fé continuava cada vez mais firme. “Sempre cada dia mais cego, mais imobilizado, mais quieto... Mas Deus, assim espero, me concederá a graça, apesar de todos os meus erros, de esperar meu último dia com a alma intacta.”

E não estamos falando aqui da “fé” puramente social e convencional, essa sim pode ser encenada. A “fé” das aparências dos que vão às missas para não serem julgados pela sociedade, a “fé” dos que “acreditam” por convenção, que ouvem e esquecem-se que estas mesmas palavras valem para eles também, enfim, belas palavras que não transformam-se em atos são somente belas palavras.

Como Papini haveria de simular a sinceridade dessas palavras, a paz que delas surge?

Não desejo invocar Teu nome em vão, Tu que sorriste a esta pátria de serpentes e a acariciaste com Tua mão luminosa de estrelas e luas. Mas talvez esta manhã Te reconciliaste com a descendência do Rubro comedor de maçãs e a terra voltou a ser jardim. Um dia como este enriquece a perfeição do universo. Tudo parece reconstruído e lavado por Tua mão. Desde o dia do meu primeiro nascimento não sentia o coração tão leve, a alma tão tranqüila, os olhos tão repousados. (p.13-14)

Mas é necessário que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: é preciso que nos habituemos a ela pouco a pouco, pois de outra maneira nos ofuscaria. (KARDEC, 1857).

As palavras ditas por Jesus não foram por acaso “Tudo é possível àquele que crê!” (Marcos 9:23) e a Giovanni Papini foi possível o renascimento. O renascimento de quem não se envergonhou de admitir suas fraquezas apenas por convenções mundanas e de quem não se entregou ao orgulho e voltou atrás a procura da verdade, de um caminho mais iluminado.

Temos necessidade de Ti, de Ti, e de mais ninguém. Só Tu, que nos amas de verdade, podes sentir por cada um de nós o que sofremos; só Tu podes conhecer a solicitude que cada um de nós experimenta por si. Só Tu podes sentir plenamente quão grande, quão imensa é a necessidade que temos de Ti neste mundo e nesta hora. (PAPINI, 1921)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa tivemos a oportunidade de fomentar a leitura da obra do escritor italiano, valorizando sua riqueza e desfazendo o estigma de Papini como o “chauvinista”, o “pedante” a quem geralmente se destacam somente as falhas e, considerado o exposto, está sem dúvida “injustamente esquecido”.

Os maiores entraves para a leitura destituída de preconceitos não se encontram exclusivamente na ausência dos livros, mas sim no preconceito criado em torno de sua história. Se a conversão é o “divisor de águas” convém, então, conciliar os dois períodos ao se falar de Papini que, cristão ou não, sempre foi; e isso é evidente, um escritor brilhante.

Na continuidade dos estudos nesta área, disponibilizaremos artigos traduzidos para a língua portuguesa pela internet no website www.giovannipapini.it, permitindo que um maior número de pessoas tenha acesso a esta obra literária.

Nestes termos, tendo em vista desmistificação de sua história, podemos concluir que essa integração servirá para a o progresso educacional do leitor. “Todos os caminhos levam a Jerusalém”, mas saber como nossos semelhantes chegaram lá é reconfortante e traz um novo alento a nossa própria caminhada. O fornecimento de

informação nunca é demasiado e a luta contra a conspiração do silêncio se faz absolutamente necessária.

7- BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA. Brasil. Sociedade Bíblica, 1960.

BORGES, Jorge.Luis. pref. a Giovanni Papini, *Lo specchio che fugge*, Parma-Milano, Franco Maria Ricci, 1975.

CARNEVALI, Emanuel. carta a Carl Sandburg em 13 de dezembro de 1919, relatada em *Voglio disturbare l'America*, op. cit. p. 107.

CROCE, Benedetto. *Pagine Sparse*. Vol.III. *Postille*, Valecchi, 1943, apud: FELICE, Francesco Di. *Itinerario di una conversione*, Libreria Editrice Vaticana, 1993, p. 111-112.

D'AMICIS Antonio. *La (s)fortuna di Papini*, 2000. Disponível em: <www.giovanipapini.it > Acesso em out. 2005.

ELIADE, Mircea. *L'isola di Euthanasius. Scritti letterari*, Torino, Bollati Boringhieri, 2000, p. 301

FELICE, Francesco. *Itinerario di una Conversione*, Libreria Editrice Vaticana, 1993.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 60.ed. São Paulo. Lake, 1999.

LIMA, Alceu. "Palavras e sangue" versão Portuguesa de Mário Quintana, introd. Alceu Amoroso Lima, Bruguera, Rio de Janeiro, 1934.

MOSCARDELLI, Nicola. *Giovanni Papini*. A. F. Formiginni, 1924, Roma.

PAPINI, Giovanni. *Diário*. São Paulo: Nacional, 1966.

PAPINI, Giovanni. *Le Memorie d'Iddio*, Casa Editrice Italiana: Firenze, 1911.

PAPINI, Giovanni. *Meu Encontro com Deus*. Civilização Moderna, Rio de Janeiro.

PAPINI, Giovanni. *Palavras e Sangue*. Bruguera, Rio de Janeiro, versão Portuguesa de Mário Quintana, 1934.

PAPINI, Giovanni. *Storia di un'Amicizia*. Valecchi, 1966. In: FELICE, Francesco Di. *Itinerario di una conversione*, Libreria Editrice Vaticana, 1993, p. 116-117.

PAPINI, Giovanni. *Um Homem Liquidado*, versão Portuguesa de

**Revista
Científica
Eletrônica
de
Pedagogia**

Publicação
Científica da
Associação
Cultural e
Educativa
de Garça

Fernando Amado, Coleção Dois mundos, número 60, Livros do Brasil, Lisboa, 1961

PREZOLLINI, Giuseppe., *L'italiano inutile*, Milano, Rusconi, 1994, p. 313 (1ª edição é de 1964)

PREZOLLINI, Giuseppe. *Storia di un'Amicizia*. Valecchi, 1966. In: FELICE, Francesco Di. *Itinerario di una conversione*. Libreria Editrice Vaticana, 1993, p. 114-115.

PREZOLLINI, Giuseppe. *L'italiano inutile*. Milano: Rusconi, 1994, p. 313 (1ª edição é de 1964).

PREZOLLINI, Giuseppe. *Storia di un'Amicizia*. Valecchi, 1966. In: FELICE, Francesco Di. *Itinerario di una conversione*, Libreria Editrice Vaticana, 1993, p. 114-115.

PAPINI, Viola. *La bambina guardava*. Mondadori, 1956, p.68.